

Sítios Pré-Históricos de Bananeiras-PB

Carlos Alberto AZEVEDO¹

¹ Antropólogo, Chefe da Divisão de Sítios Históricos e Ecológicos do IPHAEP, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e da Sociedade Paraibana de Arqueologia.
E-mail: carolusazevedo@hotmail.com .



SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS DE BANANEIRAS

RESUMO

A região arqueológica do Brejo ainda não foi devidamente estudada. Seus sítios arqueológicos não estão mapeados e poucas são as sondagens realizadas nessa microrregião da Paraíba. Hoje, porém, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP realiza os primeiros levantamentos dos sítios rupestres inseridos nos vários municípios do Brejo, a começar por Bananeiras, onde selecionamos três sítios pré-históricos: Umari, Pedra Preta e Gruta dos Morcegos. Através do convite da Prefeitura Municipal de Bananeiras, o IPHAEP realizou um levantamento dos bens móveis e imóveis do município, reconhecendo a riqueza do patrimônio histórico e arqueológico desta cidade brejeira.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Bananeiras, IPHAEP.

ABSTRACT

The Archaeological region of brejo was not rightly studied. Its archaeological sites are not mapped and just a few surveys were conducted in this microregion of Paraíba. Today, however, the Institute of Historical and Artistic Patrimony of the State of Paraíba - IPHAEP performs the first surveys of the rupestrian sites within the various cities of the Brejo, starting by Bananeiras, where we piked-up three prehistorical sites: Umari, pedra preta (black stone) and Gruta dos Morcegos (bats' cave). Through the invitation of the Bananeiras city hall, the IPHAEP conducted a survey of the movable and immovable property of the city, recognizing the wealth of historical and archaeological heritage of this city.

KEYWORDS: Archaeology, Bananeiras, IPHAEP.



A região arqueológica do Brejo ainda não foi devidamente estudada. Seus sítios arqueológicos não estão mapeados – e poucas são as sondagens realizadas nessa microrregião da Paraíba.

Hoje, porém, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba realiza os primeiros levantamentos dos sítios rupestres inseridos nos vários municípios do Brejo.

No caso de Bananeiras, selecionamos três sítios pré-históricos: Umari, Pedra Preta e Gruta dos Morcegos. Esses sítios não estão muito distantes da sede do Município.

QUADRO 01

Sítios	Distância (em Km)
Umari	24
Pedra Preta	10
Morcegos	12

Fonte: Pesquisa Direta

Os sítios se localizam em área peculiar, onde o ecossistema é bem caracterizado.

Nota-se, no entorno deles, a presença de cursos d'água. Salientam-se aspectos geológicos e geomorfológicos significativos, como afloramentos de rochas graníticas, geologicamente do Proterozóico. E os níveis altimétricos na região variam entre 200 e 650 metros. “Constitui o domínio dos Brejos da Paraíba, onde o clima tropical úmido exerce papel relevante na formação do relevo. Alguns topos mais elevados ultrapassam 600 metros e são recobertos por uma camada sedimentar, formando as chãs.” (LIMA E MELLO, 1985: 26)

O índice pluviométrico é bastante alto – entre 300 e 1500mm, “devido às chuvas orográficas que se distribuem, principalmente, entre janeiro e setembro.” (LIMA E MELLO, 1985: 26 e SILVA, 2005: 33)

Atualmente, qualquer pesquisador que se dedique à arqueologia tem que levar em conta o meio geográfico (*habitat*). É importante a leitura da “construção de territórios e apropriação de espaço na pré-história” (BEZERRA e MARTINS, 2005: 83), para entender a ocupação humana de uma determinada área.

Daí, então, a nossa insistência em enfatizar o Brejo como espaço vital para caçadores-coletores pré-históricos, conforme registra Martin:

Os brejos são lugares importantíssimos para o conhecimento da pré-história brasileira porque são lugares de atração e concentração de grupos humanos, onde as estratégias de sobrevivência do homem pré-histórico puderam se desenvolver. (MARTIN, 1996, p. 36)



E, ainda:

A região do Brejo, na Paraíba, é também área de grande concentração de sítios com pinturas e gravuras rupestres além de abrigos com enterramentos indígenas, citados por L.F.R. Clerot, mas, infelizmente, nunca pesquisados. (MARTIN, 1996, p.37)

Até hoje não se fez um estudo da ocupação pré-histórica do Brejo paraibano. Os arqueólogos estão mais interessados nos sítios holocênicos da Caatinga (BELTRÃO, 1995: 28), principalmente nos sítios rupestres do Cariri paraibano: Ruth Almeida, 1979; Alice Aguiar, 1982; Elisa Cabral, 1997; Francisco Vilar, 1999; Suely Luna e Joaquim Buchaim, 2000; Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA), 2002; Onicéia Souza, 2004; Daniel Bezerra e Gilson Martins, 2005; Carlos Azevedo, 2006; Carlos Xavier, 2007; Juvandi de Souza Santos, 2008.

Os Sítios rupestres de Bananeiras: uma abordagem sistêmica

Num estudo dos sítios rupestres, procura-se, antes de tudo, a (re)construção da pré-história, o processo de territorialização, isto é, como se verificou a ocupação humana no espaço/território (BEZERRA e MARTINS, 2005), para, depois, identificar os marcadores culturais pertencentes às diversas tradições rupestres.

A preocupação na pesquisa arqueológica com o espaço, o ambiente e as áreas de atuação do grupo humano não é recente. As teorias modernas, formuladas por autores como o americano Lewis Binford e o inglês Ian Hodder, em relação à importância dos espaços de atuação de grupos humanos pré-históricos e as relações entre a cultura material e as sociedades, refletem ainda, de certo modo, a fórmula de Leslie A. White, enunciada na década de quarenta, de que para se entender ou atingir um sistema cultural deve-se compreender a interação de três subsistemas: o tecnológico, o sociológico e o ideológico. Se a essa formulação acrescentamos as variáveis relativas à distribuição do espaço, teremos os elementos para se determinar e se compreender o conceito de **enclave arqueológico** cujo fim primordial é o estabelecimento das relações entre o homem e seu meio, numa área regional segregada de um espaço maior ou área arqueológica. Em outras palavras, deve-se aplicar pesquisas interdisciplinares para se alcançar os objetivos científicos do conhecimento da pré-história. (MARTIN, 1996, p.73) (grifo nosso)

Levando em conta esse quadro referencial teórico, procuramos analisar o espaço como uma área ecologicamente uniforme (Brejo), mas na qual se “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza – e, em última análise, somos



dependentes desses processos” (CAPRA, 1997: 25). Isso se chama visão sistêmica – a qual “não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela (a ecologia profunda) vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes.” (CAPRA, 1997: 25)

Já no que se refere ao horizonte cultural, não há uniformidade, predominando a diversidade cultural (várias etnias), povos caçadores-coletores com tradições diferentes. Observa-se isso nos sítios rupestres – sítios que diferem entre si, o que significa, segundo Martin (1996), “a presença de vários enclaves na mesma área arqueológica.”

Esses sítios com características diferentes foram classificados por arqueólogos brasileiros (GASPAR, 2003: 44), levando-se em conta a distribuição espacial dos nossos grafismos, o que se convencionou chamar de **tradições arqueológicas** (PROUS, 1991).

Constatamos, nos sítios de Bananeiras, as seguintes tradições:

1. Itacoatiara
2. Agreste
3. Geométrica

Para uma definição operacional de cada tradição acima mencionada, recorreremos à Anne-Marie Pessis (1992: 44):

Tradição Itacoatiara

“Integrada por gravuras representando figuras que não permitem nenhum reconhecimento. Raramente alguma figura reconhecível é representada de maneira isolada”.

Tradição Agreste

“Caracterizada pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem nas representações de objetos nem figuras de fitomorfias. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras são representadas paradas, não existindo nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito abundantes apresentam morfologia diversificada”.



Tradição Geométrica

“Caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros, figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizados”.

Este é o *corpus* rupestre dos sítios pesquisados:

QUADRO 02

TRADIÇÕES	SÍTIO UMARI	SÍTIO PEDRA PRETA	SÍTIO MORCEGOS
ITACOATIARA	X	X	
AGRESTE			X
GEOMÉTRICA			X (?)

Fonte: Pesquisa Direta

É bastante visível a ocorrência da Tradição Itacoatiara nos sítios Umari e Pedra Preta. Ambos estão próximos a cursos d'água. O primeiro fica a 15 metros do Rio Curimataú e o último está situado a 500 metros do riacho do Moura.

Vale ressaltar, ainda, que a Tradição Itacoatiara aparece quase sempre nas imediações de riachos, rios, cachoeiras. Talvez uma explicação para essa ocorrência seja que:

A maioria dos petróglifos ou Itacoatiaras do Nordeste do Brasil, está relacionada com o culto das águas. (...) É natural que nos sertões nordestinos, de terríveis estiagens, as fontes d'água fossem consideradas lugares sagrados, mas o significado dos petróglifos e o culto ao qual estavam destinados nos são desconhecidos.” (MARTIN, 1996, p.269)

A Gruta dos Morcegos (sítio Roma de Baixo) é o único sítio da Tradição Agreste e, de certa forma, também, da Tradição Geométrica. Questiona-se muito esta tradição; às vezes ela se confunde com a Tradição Itacoatiara, isto é, a Geométrica Setentrional, na classificação de André Prous, aceita por Madu Gaspar.

Na parte externa da Gruta dos Morcegos ocorrem círculos, linhas, manchas, cruces, mão. “Observa-se uma tendência ao *horror vacui*, com interesse expresso de cobrir totalmente as paredes rochosas de pinturas”, como constatou Alice Aguiar (1986: 32) na Pedra da Buquinha, em Boqueirão, no Agreste pernambucano.



Nos painéis, foram identificados grafismos puros, compostos por várias linhas e manchas. Todos pintados com tinta na cor vermelha; mas, em muitas pinturas, nota-se claramente a descoloração do pigmento vermelho.

Estes são os vários tipos de grafismos que ocorrem nos sítios rupestres de Bananeiras:

QUADRO 03

FORMAS	SÍTIO UMARI	SÍTIO PEDRA PRETA	SÍTIO MORCEGOS
Espirais		X	
Zoomorfos	X		
Antropomorfos			X
Grafismo Puro	X		X
Linhas	X	X	X
Manchas		X	X
Cruzes			X

Fonte: Pesquisa Direta

Não fizemos a contagem das figuras rupestres dos painéis – o mais interessante é ter uma idéia da dimensão dos mesmos.

QUADRO 04

DIMENSÃO		SÍTIO	SÍTIO	SÍTIO
LARGURA (m)	ALTURA (m)	UMARI	PEDRA PRETA	MORCEGOS
3,70	1,70 (1)	X		
2,20	1,78 (1)	X		
1,50	0,70 (1)	X		
2,10	4,15 (2)		X	
7,00	2,10 (2)			X

Fonte: Pesquisa Direta - Legenda: (1) Sítio seccionado em três painéis; (2) Sítio não seccionado



Constatamos que o sítio Umari, com três painéis, apresenta mais visibilidade do que os outros dois – é mais legível e pode ser aberto à visitação no futuro, mas é necessário fazer algumas recomendações sobre seu uso para fins turísticos; este assunto será tratado noutro tópico deste trabalho.

Quanto aos sítios Pedra Preta e Gruta dos Morcegos (sítio Roma de Baixo), não devem ser abertos à visitação. Eles não são legíveis, ou melhor, são de baixa visibilidade. Assim, devem ser resguardados, protegidos para futuras sondagens, pois têm sedimentos arqueológicos. Disse nosso informante, Manuel Paulino Maia, que a Gruta dos Morcegos foi vandalizada – fizeram escavações. Segundo ele, eram caçadores de tesouros. A nosso ver, houve uma sondagem arqueológica – as marcas deixadas levam a crer numa escavação “técnica”, feita naturalmente, sem autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Pedra Preta é um sítio de difícil acesso. Localiza-se na propriedade de José Graciano, a 10km de Bananeiras. Não constatamos nele nenhuma ação antrópica negativa, apenas esfoliação do granito por conta do intemperismo. O painel está bastante danificado pela ação da urina de mocó. Maiores detalhes sobre os sítios se encontram no item Caracterização dos Sítios Cadastrados.

Ações antrópicas negativas nos sítios Umari e Gruta dos Morcegos

QUADRO 05

IMPACTOS ANTRÓPICOS	SÍTIOS	
	UMARI	MORCEGOS
Extração Mineral	X	
Queimadas		X
Caça Predatória	X	X
Desmatamento		X
Pichações	X	
Escavações		X

Fonte: Pesquisa Direta

Caracterização dos sítios cadastrados



1 - Sítio Umari

Proprietário: José Henrique Gomes

Área desconhecida arqueologicamente: Não

Data do levantamento: 19/12/2005

Registro do grafismo pré-histórico: Pintura e gravura

Tradições Rupestres: Itacoatiara

Descrição do Conjunto: O sítio apresenta grafismos nas cores vermelha e laranja, gravados sobre afloramento granítico.

Dimensão do painel (1): 3,70m X 1,70m

Dimensão do painel (2): 2,20m X 1,78m

Dimensão do painel (3): 1,50m X 0,70m

Tipo de sítio: Matacão

Rocha suporte: Granito

Estado de conservação da rocha suporte: Regular

Estado de conservação do monumento lítico: Os grafismos foram prejudicados pelo intemperismo.

Elementos de degradação do monumento: Vento, sol, chuva, pátina e ação de fungos.

Área sujeita à inundação: Sim

Relevo: Forte e ondulado com espigões

Vegetação: Caatinga-brejeira (típica do Curimataú)

Ações antrópicas negativas: Vandalismo – houve a destruição de parte do painel 1, caça predatória, extração mineral.

Traços arqueológicos encontrados na área: Durante a pesquisa de superfície, não foi encontrado nenhum material lítico.

Fonte d'água mais próxima do sítio rupestre: Rio Curimataú.

Integração do patrimônio arqueológico com a população local: Segundo Terezinha Francisco dos Santos, nossa informante, os moradores hoje têm consciência do valor deste monumento arqueológico. Trata-se, pois, de um “letreiro muito antigo, escrito por mão de índio”.

2- Sítio Pedra Preta



Proprietário: José Graciano

Área desconhecida arqueologicamente: Não

Data do levantamento: 20/12/2005

Registro do grafismo pré-histórico: Gravura

Tradições Rupestres: Itacoatiara

Descrição do Conjunto: O sítio apresenta gravuras na cor vermelha, distribuídas em diversas partes do afloramento granítico, destacando-se círculos e linhas. São muito semelhantes à da Pedra do Ingá –PB, também da Tradição Itacoatiara.

Dimensão do painel: 2,10m X 4,15m

Tipo de Sítio: Matacão

Rocha suporte: Granito

Estado de conservação da rocha suporte: Ruim

Estado de conservação do monumento lítico: O painel está bastante danificado, por conta da esfoliação do granito e da urina de mocó.

Elementos de degradação do monumento: Sol, vento, urina de mocó, ação de fungos, pátina.

Área sujeita à inundação: Não

Relevo: Relevo forte, ondulado e com a presença de espigões de topos horizontais.

Vegetação: Arbustos

Ações antrópicas negativas: Não se constatou nenhuma ação antrópica negativa no entorno do sítio.

Traços arqueológicos encontrados na área: Nenhum

Fonte d'água mais próxima do sítio rupestre: Há um córrego a 500 metros – riacho do Moura.

Integração do patrimônio arqueológico com a população local: No sítio Moura, onde está localizado o monumento arqueológico, a população não tem consciência do valor do bem cultural.

3- Gruta dos Morcegos (Sítio Roma De Baixo)

Proprietário: Ercílio Anjo

Área desconhecida arqueologicamente: Não

Data do levantamento: 21/12/2005

Registro do grafismo pré-histórico: Gravura e pintura

Tradições Rupestres: Agreste/Geométrica (?)



Descrição do Conjunto: Trata-se de um abrigo pré-histórico – um abrigo sob rocha. Em suas paredes externas, há gravuras e pinturas rupestres, das tradições Agreste e Geométrica. Provavelmente as pinturas antecederam às gravuras, daí porque essas duas tradições aparecem juntas. São pinturas na cor vermelha, com motivos variados, onde se destacam mão e cruzes.

Dimensão do painel: 7,00m X 2,10m

Tipo de Sítio: Matacão

Rocha suporte: Granito

Estado de conservação da rocha suporte: Bom

Estado de conservação do monumento lítico: Parte do painel está recoberto por pátina, comprometendo bastante a visibilidade do conjunto rupestre. Nota-se, também, acentuado desgaste dos grafismos.

Área sujeita à inundação: Não

Relevo: Relevo forte e ondulado

Vegetação: Arbustos

Ações antrópicas negativas: Caça predatória, queimadas, vandalismo.

Traços arqueológicos encontrados na área: No entorno do sítio, na Gruta dos Morcegos, constatou-se a presença de material lítico.

Fonte d'água mais próxima do sítio rupestre: Poços do Barbosa (cacimbas)

Integração do patrimônio arqueológico com a população local: Muitos sabem da existência do abrigo pré-histórico, mas desconhecem o valor desse bem cultural.

Estratégias de segurança do Sítio Umari

Qualquer arqueólogo sabe que não se pode hoje, em plena pós-modernidade, privar “o olhar do turista” (JOHN URRY, 2001) dos sítios pré-históricos – entende-se que o patrimônio arqueológico é um bem cultural e, assim sendo, deverá ser usufruído por todos.

O uso público de sítios arqueológicos é uma prática comum em vários países do mundo. Parques arqueológicos estão abertos à visitação pública, como o Parque Nacional Kakadu, na Austrália:

A área é culturalmente notável pelos inúmeros locais de arte em rocha – algumas dessas pinturas receberam datação de 25 mil anos. Muitos desses trabalhos estão exatamente bem preservados e com certeza são tão antigos quanto os murais do Paleolítico existentes nas cavernas da Europa Ocidental. A seu modo Kakadu é tão



valioso para a comunidade humana quanto o Louvre ou o Prado” (MERCER, 2001, p.134).

Outro exemplo é o Parque Nacional Serra da Capivara – PI, inscrito na lista de Patrimônio Cultural da Humanidade (UNESCO) e com mais de 800 sítios rupestres, quase todos abertos à visitação.

Deve-se, antes de tudo, estabelecer critérios básicos para que os sítios possam ser inseridos num sistema de visitação controlada.

Outra medida importante é envolver a comunidade local na preservação e proteção do entorno do bem cultural:

Quanto à questão do envolvimento das pessoas da comunidade no fomento do turismo em áreas arqueológicas, é essencial, porém delicada. Para o desenvolvimento com sucesso, de qualquer atividade que vise à exploração dos bens que representam o seu patrimônio, seja ele natural ou cultural e histórico, é importante que a participação popular aconteça desde o início, concordando ou não com os itens propostos nos projetos, o que pode ser considerado como um reflexo da aceitação dos moradores do lugar à atividade, os quais devem estar cientes das conseqüências que o turismo pode levar para suas comunidades, tanto das positivas como das negativas, despertando, assim, uma maior preocupação com a preservação de seus bens e cultura, e conseqüentemente, fazendo um resgate de suas histórias (MORAIS apud SOUZA, 2004, p.29).

Esse tipo de trabalho está sendo desenvolvido no Brasil, desde os anos 1990, pelos antropólogos Álvaro Banducci Jr., Silvana Miceli de Araújo, Rodrigo de Azeredo Grünwald, Yolanda Flores e Silva, que tentam “a difícil conciliação entre “como fazer” – “planejar o produto turístico” e “o olhar sobre o fenômeno social e cultural que se produz no momento em que acontece o consumo desse produto”; repensando-se o primeiro à luz das pesquisas do segundo, seria o resultado de uma antropologia aplicada ao turismo” (BANDUCCI JR, 2005: 12).

Planejar o uso de sítios pré-históricos para fins turísticos não é responsabilidade apenas de antropólogos, turismólogos, arquitetos. É, sim, também, de arqueólogos. Eles estão preocupados com vários projetos de longo prazo para a elaboração de um programa de turismo sustentável, em áreas arqueológicas. Incorporam-se aos projetos de roteiros de turismo arqueológico. Trabalham com museólogos, para a melhor divulgação do patrimônio arqueológico, criando museus a céu aberto em sítios rupestres, ou em áreas onde houve “salvamento arqueológico”.

Afinal,

[...] o aumento de solicitações para a utilização do patrimônio arqueológico com interesse turístico vai gerar trabalhos de gestão para a avaliação de potencial e geração de informação, criando cada vez mais estruturas que vão facilitar o aproveitamento desses recursos (SCATAMACCHIA, 2005, p.81).



Essas digressões, aparentemente sem contexto, foram feitas para mostrar a importância do planejamento de sítio arqueológico para uso público.

No caso de Umari, é recomendável o seu uso para fins turísticos. Trata-se de um sítio de arte rupestre valioso, filiado à Tradição Itacoatiara e de alta visibilidade.

Deve-se, naturalmente, pensar na proteção total do sítio, pois constatamos, como afirmamos anteriormente, ação antrópica negativa - a danificação de um dos painéis. Para evitar impactos no meio ambiente e maiores danos ao patrimônio arqueológico, seria interessante transformar a área em Parque Arqueológico Municipal (ou RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural). Isso, porém, é apenas uma medida cautelar para conter as várias agressões que vem sofrendo o entorno do sítio, inclusive, como área de lazer para as crianças da povoação de Umari, que brincam no leito seco do rio, localizado próximo ao sítio rupestre.

Como Umari é um sítio em área aberta, bastante exposto às ações antrópicas negativas, sugerimos para a sua proteção imediata:

- O incentivo à Educação Patrimonial junto à povoação de Umari, nas escolas da rede pública de ensino;
- A implantação de barreira de proteção física do sítio para evitar contato direto com as pinturas rupestres;
- A proteção da paisagem natural do entorno;
- A limpeza das partes danificadas do paredão pintado. Este trabalho deverá ser realizado pela Fundação Museu do Homem Americano (PI), uma instituição que dispõe de laboratório e centro de estudo de conservação e restauração.

São estas, pois, as medidas para a proteção do sítio arqueológico Umari.

Considerações Finais

Quem primeiro nos chamou a atenção para estudar a arqueologia do Brejo foi o cientista Leon Clerot – isso ainda na década de 1960, quando praticamente ninguém se interessava por arqueologia na Paraíba. Havia apenas o NEPA – Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas



– e um cientista à maneira antiga: Leon Clerot. Era geólogo, arqueólogo, paleontólogo, museólogo e etnógrafo.

Mais recentemente, isto é, nos anos 1990, a professora e arqueóloga Gabriela Martin salientou, em um de seus estudos, a importância do Brejo como área arqueológica.

Hoje, então, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba volta-se para o estudo dessa microrregião – aceitando um convite da Prefeitura Municipal de Bananeiras para mapear os sítios arqueológicos e realizar um levantamento dos bens móveis e imóveis do município.

Assim, tomamos conhecimento da riqueza do patrimônio histórico e arqueológico de Bananeiras. Outros sítios serão cadastrados, futuramente, na segunda etapa da pesquisa.

O contato com a região forneceu vários dados importantes; informações valiosas que, com certeza, servirão para outros trabalhos.

Uma das indagações é o sítio Três Canoas (localizado a 18km da sede do Município), próximo ao Rio Cacimba da Várzea e à Barragem de Jandaia, no Curimataú. Despertaram a nossa atenção, nesse sítio, as enormes cacimbas (tanques). Nesse local, provavelmente no Pleistoceno, a fauna mitigava à sede.

Referências

AGUIAR, Alice. A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. **Clio**, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, p. 32, out. 1968. Série Arqueológica.

AZEVEDO, Carlos Alberto. **Sítios arqueológicos de Santa Luzia - PB**. Brasília: Senado Federal; João Pessoa: IPHAEP, 2004. p. 46.

BANDUCCI JR., Álvaro e BARRETTO, Margarita (Orgs.). **Turismo e Identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2005. p. 12. Coleção Turismo.

BELTRÃO, Maria. A arqueologia e a Caatinga. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 28, fev. 1995.



BEZERRA, Daniel de Castro e MARTINS, Gilson Rodolfo. Registros rupestres: a construção de territórios e apropriação de espaço na pré-história. **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingo**, Aracaju, UFS, n. 5, p. 83, jan. 2005.

CAPRA, Fritjof . **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 25.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 44.

LIMA, Ana Glória M. de e MELLO, A. S. Tavares. **Atlas geográfico do Estado da Paraíba**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura e Universidade Federal da Paraíba, 1985. p. 26.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária do Brasil – UFPE, 1996. p. 36.

MERCER, David. A difícil relação entre o turismo e a população nativa: a experiência da Austrália. In: THEOBÁLD, William (Org.). **Turismo Global**. Tradução de Anna Maria Capovilla. São Paulo: Editora do SENAC, 2001. p. 134.

MORAIS, José Luiz. A arqueologia e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 99.

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. **Clio**, Recife, v.1, n. 6, p. 44, maio 1992. Série arqueológica.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina M. **Turismo e arqueologia**. São Paulo: Aleph, 2005. p. 81. Coleção ABC do Turismo.

SILVA, Manoel Luiz.. **Bananeiras – Apanhados históricos**. Bananeiras: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2005. p. 33.

SOUZA, Onicéia Gouveia de. **Cariri paraibano**: um estudo sobre as inscrições rupestres e suas potencialidades turísticas. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, 2004. p. 29.

